



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



ANO XVI—N.º 415—Preço 1\$00
6 DE FEVEREIRO DE 1960

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje

são as nossas contas: de Coimbra e Miranda do Corvo. Trabalhámos com a mesma confiança, sem mira nos resultados visíveis. A nosso cuidado está o lançar das redes; a abundância da pesca depende do Senhor. Nós não somos mais nada do que semeadores; a fecundidade dos frutos e sua recolha não é da nossa conta. Ainda assim, Deus, na Sua Bondade, vai-nos cumulando de benefícios e vamos já saboreando frutos maduros que nos consolam. Bendito o Santíssimo Nome de Jesus.

Estas nossas duas casas estiveram cheias: 82 rapazes dos 2 aos 23 anos. Botões a desabrochar e vidas já em flor. Ai da sociedade que despreza estes valores!

Gastámos 77.068\$30 na alimentação; com vestuário, calçado, escola, medicamentos e extraordinários dos mais velhos 43.659\$90; 8.160\$00 em rendas de casa; energia, água, telefones, seguro, viagens e transportes e coisas diversas 58.592\$00; abonos aos Pobres em aflições 21.567\$50; na lavoura 14.736\$00; para movimentar as oficinas 44.647\$10. O nosso movimento em obras está todo nas casas do Património dos Pobres de Coimbra.

Não esquecemos as crianças pobres de Coimbra, que vieram em grupos de quarenta, passar quinze dias em colónias de férias na Senhora da Piedade. Entram também aqui as duas Conferências de S. Vicente de Paulo dos nossos rapazes.

A fonte que tapa o escoamento de dinheiro desta nossa aventura é a confiança em Deus. O dinheiro é um elemento preciso, mas deve andar à rectguarda. Se vai à frente, é atropêlo e fascinador e não deixa caminhar, com independência, obras desta natureza. Tantas vezes que Pai Américo afirmou fugir sempre do dinheiro e este sempre o perseguia e nunca lhe saltou! São assim ainda hoje as obras que confiam em Deus.

Os donativos que chegaram à nossa mão somaram 48.410\$40. Todos traziam o selo de muito amor e muitos deles banhados de suor e sangue; os peditórios nas igrejas fora da cidade de Coimbra (pois na cidade deram 33.434\$00, mas foram para as casas da Adémia) renderam 19.545\$00; as muitas gotas trazidas pelos nossos vendedores, de «O Gaiato» juntaram 67.140\$50. É o nosso forte. Eu queria aqui alegrar-me e agradecer muito aos nossos Amigos que recebem estes nossos filhos, quer na rua, quer em suas casas. Especialmente aqueles que estão mais afastados de nós e aonde eles precisam ainda de mais amor: Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Lousã, Tomar, Leiria e Figueira da Foz. Não podemos esquecer as Empresas da Auto-Viação da Beira, João Clara e

Irmãos e Joaquim Francisco de Oliveira, que nos dão todas as passagens.

Uma ajuda muito boa é a dos nossos assinantes que nos entregam as suas anuidades: foram 11.470\$00; os nossos subscritores de Coimbra, que recebem de seis em seis meses a visita de dois rapazes nossos, entregaram-lhes 8.993\$50; os que estão a trabalhar em Coimbra entregaram 22.118\$80 dos seus ordenados; as oficinas também já nos vão ajudando, embora o seu fim não seja de lucro, mas sim escola de preparação para a vida, tiveram um movimento de caixa de 34.282\$50. Em animais e pequenas coisas apurámos 9.330\$00. Recebemos 67.500\$00 de subsídios oficiais.

Graças a Deus e a todos aqueles que nos ajudaram, no fim do ano pudemos fechar as nossas contas.

continua na página três

Facetas de uma Vida

Paço de Sousa, 20-X-923



É amanhã que parto para Espanha; toda a minha gente julga que África é o meu destino. E pode ser que seja; quem sabe?! Se soubesse como esta Transformação brusca da vida e hábitos me custa?! Mas que quer que lhe faça, custava-me muito mais viver no mundo! Não sei se na minha carta passada lhe dava o meu endereço:

Joaquim Ferreira Rodrigues — c/ Colégio de Santo António—Tuy.

E as cartas me serão entregues. Logo que me seja possível hei-de contar-lhe impressões da minha nova vida. Até então, N., muito silêncio. Olhe que pode muito bem ser que eu não seja capaz de levar a cruz ao lugar próprio, e então terei que voltar ao mundo, por isso lhe peço silêncio para que ninguém saiba da m/ vida e não haver fiasco.

Diga-me. Como posso depositar aí 100 libras que

Vamos à Coliseu!

Evamos ao Império de Lisboa e ao Teatro Avenida de Coimbra.

Se Braga discute com a Cidade dos Doutores o 3.º lugar entre as cidades portuguesas, que se mexa e proteste e nos abra as portas. Chamados também lá vamos, desde que arrumemos com a «saltimbanquise» em poucos dias.

Hoje é o meu último dia de impreparação para a Festa, que outras festas me não têm deixado tempo e cuidados livres. Creio que ainda ninguém perdeu o sono por causa da de este ano. Mas eu, esta noite, já sonhei com ela e acordei sobressaltado.

E' aquele dia! São todos os dias da ante-Festa, os quais começam já!

Aqui em casa desorganiza-se mais a «desorganização organizada» de todo o ano. Há amuos. Uns que querem ir e não vão. Outros que devem ir e se fazem caros. E' o Sejaquim a puxar o tempo todo e toda a gente p'rós seus ensaios! E' Padre Manuel António, que já aprendeu a refilar! E' a senhora, que lhe tiram os funcionários da cozinha! E' toda a gente, porque o comer se atrazou ou meteu «bispo»!

Que bom ir ó Coliseu como já fui, refasteladinho numa poltrona para me regalar! Mas não me calha a sorte!...

Ora bem, vamos a coisas concretas, que o tempo voa.

Do programa, ainda não dizemos nada. Padre Baptista e Daniel são os autores da «substância» daquelas duas horas. Faltam uns pormenores, mas as grandes linhas estão traçadas. Como sempre, aparecerão deputações das outras casas. E ainda não sabemos como... o Calvário também se há-de representar. Estou mesmo em crer que o Calvário vai ser a estrela daquela noite!

Júlio vai comigo ao Porto, amanhã, para começar as suas voltas.

Ainda não podemos dizer hoje os dias certos das Festas. Mas hão-de ser pela 2.ª quinzena de Março.

Os senhores olhem estas regras e vão deitando contas à vida: nada de comprometer em definitivo, as noites por aquele tempo!

Nem ópera, nem concerto, nem teatro, nem cinema, ...nem nada! Isso é todos os dias. A Festa é só uma em cada ano!

★ ★ ★ ★ ★

tenho no Porto, no Ultramarino? E quanto pode isso custar? Eu desejava ter aí todo o meu pobre pecúlio. Já lhe disse: Até Setembro próximo sou livre e preciso dinheiro para livros etc. e depois para dar uma boa esmola à Ordem. Então tomo hábito e faço votos provisórios podendo continuar a possuir mas não a administrar. Passados 3 anos faço votos solenes e então nem possuo nem administro.

Espero com muito interesse as suas novas.

Américo de Aguiar

D. S.: O meu dinheiro no Porto está em c/ c. Eu poderia, talvez, mandar-lhe um cheque?

A G O R A

Já tinha saudades da Procissão. Ela é concorridíssima, graças a Deus, e, às vezes, custa a ordenar. Mas deixá-lo! É uma oportunidade de tantos e tantos encontros a que me habituei, os quais me são muito agradáveis. A última vez foi Padre Manuel António quem a dirigia. A paginação, picada pela implacável falta de espaço, deixou de fora este pedacito que vai a seguir, para que o Júlio me não ralhe e se não desculpe se deixar algum lançamento por fazer nas fêch das casas a prestações, que são aqui a multidão.

Agora a 6.ª pedra de mil para a «Casa de Minha Mãe». Tejos de 100\$, telhas de 50\$ e 200\$ para a conta que abriu no princípio do mês de Outubro. Quem não descobriu ainda toda a riqueza interior do Património dos Pobres? De Gaia chega a 9.ª prestação do «Plano Decenal». Onde ir buscar a base de planos como este senão à Fé, Esperança e Caridade? De «Um Casal de Dois Amigos» duas prestações de 1.000\$ cada uma com esta legenda: «Esperamos poder concluir o nosso propósito ainda que demore, pois confiamos na protecção que Deus nos tem concedido».

Agora a 22.ª prestação da Casa «Avó Ema». Uma pedrinha de 300\$ para a «Casa do Ti Joaquim»; cem de «Maria e Manuel»; 50 para a «Casa de N.ª S.ª do Carmo»; 230\$ de Mesão Frio mais 380\$ do Pessoal do Grémio dos Ind. de Panificação do Porto. Festejando o aniversário natalício veio uma casa completa de Castro Daire. Para a «Casa de N.ª S.ª da Visitação» 1.000\$ e o Pessoal da Hica deixou 4.659\$80, prestações de Agosto e Setembro. De Mutuáli, a 1.ª prestação para a «Vivenda de S. José».

E eu retomo a organização e dou o primeiro lugar aos Trabalhadores. Cá vão, à frente os da Fábrica Portuense de Tabacos. Vieram muito contentes porque nuvens sombrias que há dois anos lhe vinham roubando o sol da paz se desfizeram... até ver! Graças a Deus. E que Deus os compense e perdoe que os homens se possam roubar a paz uns aos outros, no meio de prêgoes da dita.

Ora, como desde há vários anos, duas vezes em cada, aí estão:

Oficina Soares Ribeiro 817\$50
» Afonso Cunha 752\$00
» Cruz Magalhães 501\$80
» Castro Azevedo 441\$00
» Alvaro Lopes 180\$20

2.692\$50

E até ao primeiro domingo de Julho se Deus quiser.

O Pessoal da Panificação continua certinho todos os meses: 187\$50+192\$50 por Dezembro e Janeiro.

O Pessoal da HICA fechou o ano com 2030\$00 e logo a Administração igualou a soma alcançada pelo seu Pessoal no 2.º semestre: 11.185\$00. E em Janeiro tornou a aparecer com 2.347\$00.

Os Empregados da Filial de Guimarães do Banco Espírito Santo, «ao iniciarem novo ano de actividades» mandaram 200\$.

E já vem aí o 2.º grupo. Afinal na maioria também gente de trabalho. Mas como amealharam e se apresentaram com a casa por inteiro, aqui vão no grupo destas.

«Casa dos Operários das Oficinas Gerais dos Caminhos de

primeiro do ano e aí está à nossa Missa, depois ao nosso cafézito, com uma amizade e uma constância mais saborosas que as próprias casas que deixam ao partir. Deus os guarde e os não deixe perder no turbilhão que pode ser a sua vida e lhes dê muita alegria e muita paz.

Casas para que vários concorrem — eis o grupo que dobra a esquina e surge:

«Casa Rainha das Virgens» — 20\$ de N.; 50\$ de «uma rapariga que já passou os 40 anos»; outrotanto, «respondendo ao apelo feito às raparigas da nossa terra, e aproveito a ocasião para mandar igual quantia para a Casa de Nossa Senhora do Carmo».

«Casa dos Professores Primários» — outra vez a N. com 100\$ e 20\$ de Jazente.

«Casa dos Licenciados» — 100\$ de «uma jovem licenciada, que começou a trabalhar».

Passam os de todos os meses com a sua renda. São devotos de casas que não de contas. Por isso nem pedem placa nem em quanto vão... nada!

«O do tabaco a menos durante o mês findo» com 2 vintes. Helena com 200+200, fora as duas mensalidades do seu Pobre. Mais 20, duas vezes, de «uma promessa que fiz enquanto puder». E o Manuel da Rua da Corticeira outros 20 e A. J. F. com 100\$.

É a vez dos que aparecem sem nenhuma regra especial: 350\$ da «Senhora do Pão», como lhe chama Padre Zé Maria. Eu creio que será a Esposa do Senhor do Pão e Mãe de um Snr. Engenheiro, que é outro tocado por obra da Rua e Património dos Pobres. Uma viúva 300\$. Três vezes mais da Família Santos, Cem do Porto, 500\$ da Rua Vale Formoso. Mais 10\$ que este de um Eng.º de Lisboa, acompanhando uma lista de assinaturas. Outros 100 de Espinho. Outros 500 de Lisboa, com igual quantia pró Calvário e «muito mais gostaria de mandar, mas as minhas possibilidades não são muito grandes». Lourenço Marques com 100\$. O mesmo de «um refractário, para uma telha». Este diz respeito ao último aumento de vencimento. Quinhentos de um Licenciado em Económicas e Financeiras, «freguês» de outras secções para as quais mandou mais 1.100\$.

E um viveirista vizinho; e 2.200\$ em cumprimento de uma promessa; 30\$ e... «silêncio que é a maior eloquência». 85\$ e este documento de gratidão:

«Como vivo no Bairro Paranhos há vinte anos, fez precisamente este mês, envio para o Património dos Pobres 85\$00 ou seja a renda que eu paguei até agora pela casa.

Visto este mês já não ter pago a renda envio essa importância em acção de graças a Deus por me ter concedido tão grande bem. Gostaria que publicassem esta graça para estímulo dos outros moradores do Bairro para que assim con-

seguissemos construir a casa Bairro de Paranhos».

Dez vezes mais «que é a totalidade do primeiro ordenado recebido por uma pessoa que eu criei de miudinha como minha filha».

E a procissão termina hoje pelo mais numeroso grupo de jogaceiros: os das casas a prestações.

«Casa dos Nossos Avós» — 400\$ de Setembro e Outubro. Cinco mil de um engenheiro, membro de uma dinastia deles, pedindo orações «para mim, minha mulher e meus sete filhos». Deus os abençoe. «Casa de S. Francisco Xavier» — começa com 500\$. O do plano decenal. E uma émula deste «que há vinte anos confia em Deus».

«Casa do António e do Fernando» — mais duas achegas que a levam aos 4.900\$. De Escalos de Baixo, mil, «para começar a satisfazer o meu débito ao Património dos Pobres».

Outro princípio: «Lar da Graça», com 500\$, «pois é uma graça de Deus ter vontade de dar uma casinha aos Pobres».

«Zé Ninguém» completa a 6.ª prestação de mil no dia de anos de casado. «Casa A minha Mãe» fecha o ano e completa a 8.ª prestação com estes 400\$. O casal-assinante n.º 28.562 manda quatro×100\$ por outros tantos meses. «Desta vez com muito atraso, vão 500\$ para a Casa do Ti Joaquim». M. M. — A. L. com a 6.ª e 7.ª prestação da 2.ª casa.

Mais 500\$ de Espinho, «de uma Mãe que muito pensa neles (os nossos rapazes) ao olhar para os dois rapazes que também tenho». Ó doçura!

E outra «Mãe», esta «amargurada» que começa a «Casa Ao meu Senhor — Pelo meu Filho», a qual fica em 80\$. «Irá devagar mas... paciência».

«Casa da Avó Ema» ficou nas

25 prestações. Portanto: 2.500\$.

Temos agora a 3.ª de 500\$, da Maria do Resgate, de Lisboa. Outra 3.ª: Este chama-lhe «3.ª Cruz para a minha Via-Sacra, com desejos de poder chegar ao Calvário».

A «Casa da Ana e João» fica em 4.440\$00. A «de Maria e Manuel» subiu 200\$ e traz mensagem de muita simpatia.

«Casa de Minha Mãe» vai na 9.ª pedra, de mil cada: «Que o Senhor Vos guarde a todos e me ajude como até aqui, pois tenho grande consolo em poder contribuir para uma casa como sempre foi desejo de minha Mãe». 2.ª de 500\$ de Mutuáli. Outra 2.ª igual para a «Casa de S. Carlos». Cá contamos com o quadro do meu santo.

E a «Casa Visitação» que terminou e o santo Rosário que continua com o Mistério do Nascimento, já começado em Janeiro.

A primeira «Casa de N.ª Senhora da Espectação» terminou. Mas o seu Engenheiro, já começou a segunda neste princípio de ano, com este recado:

«Eu sei que a quantia de 12 contos não chega e o nosso Pai Américo também o sabia. Ele tinha porém a sabedoria que dá o conhecimento de Deus e com a fixação dessa quantia insuficiente de 12 contos, conseguiu duas coisas:

— Que ninguém pudesse dizer que a construção de uma casa lhe será inteiramente devida;

— Que houvesse lugar para o «óculo da viúva». É esse «óculo» que vai segurar e sustentar toda a estrutura do edifício.

Com a ajuda de Deus, lá vamos para a 2.ª Casa de N.ª S.ª da Espectação!

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

CHALES DE ORDINS



água é, sob o aspecto material, da maior importância para a vida dum povo. Cuidar do seu abastecimento, velar, ainda, pela sua pureza e salubridade é pugnar pela permanência e saúde das populações. Fala-se hoje muito em Lisboa de abastecimento de água às gentes rurais. Deus, cujo Nome os homens não quiseram, queira Ele que os

mesmos homens, reunidos em tão magna assembleia, resolvam algo de proveitoso para a Nação.

Ordins é uma povoação de 100 fogos e não conta nenhum fontenário. São poucas as casas que têm poços de água. A maior parte vai por ela a uma cisterna quadrangular, com 90 centímetros de largo e 65 centímetros de profundidade, rente ao chão, descoberta e sem guardas, onde já têm caído crianças, e para onde correm as águas pluviais, arrastando a lama e tudo o que encontram. Ao cair da tarde, repete-se, em cada dia, o mesmo quadro bucólico. O pequenito boieiro tange a sua manada de bovinos. Leva-os a beber. É na cisterna, onde se dessedentam, ou na represa contígua. Mas no verão é o cúmulo. A água é o sangue da terra. Tapa-se a represa e começam as águas a subir. Há um escoadouro, em nível inferior à cisterna, para não entrarem nesta, mas mete-se-lhe um tapulho. As águas continuam a crescer, vitoriosas. Invadem a cisterna. Cobrem-na. É tudo agora um lençol de água suja, onde sobre-

nadam, na escumalha nojenta, palhas, papéis. No lodo, bá, ainda, estrume dos bovinos da véspera, que, a pouco e pouco, se vai delindo.

Ora é de tal água que o povo se utiliza para consumo caseiro. Chegam as raparigas com seus canecos, mergulham-nos na cisterna, tiram-nos, de repente, para sair a escumalha nojenta e lá se vão com um líquido tão puro e cristalino, como o da represa, insensíveis às consequências que



Para o Natal de 60 lindo programa tinha eu! Mas o Senhor quis brindar-nos com outro mais do seu agrado.

Tencionávamos ir festejar o primeiro aniversário de «Belém» aos pés do Altar, na Missa da meia-noite. Mas *Pintainho* adoeceu com um ataque de varicela tão violento que, às primeiras impressões, nos pareceu mesmo varíola. Tanto que imediatamente se pediu socorro à Delegação de Saúde, que num pronto mandou aqui uma Assistente vacinar esta gente toda. Impossível, pois, sair de casa na invernosíssima Noite de Natal, com o *Pintainho* ainda de cama e várias belenitas com a febre própria da vacina.

Também era de nossa devoção ir fazer uma visita às crianças doentes do Hospital, pelas quais as belenitas queriam distribuir alguns dos seus brinquedos. Mas, se Hospital era agora a nossa casa, e com perigo de contágio!...

Quanto a visitas, nova surpresa, pois, ao contrário do que esperávamos, poucas tivemos, não sei se por medo à chuva, se aos micróbios, se a ambas as coisas! Mas não deixaram de vir dar delicioso sabor à nossa mesa quatro lindos bolos do Natal.

Apesar do mau tempo e do mais que se contou, sempre muita alegria e boa disposição. Brinquedos e mais brinquedos, chegados de muitos pontos do país, vieram fazer esquecer às pequeninas de «Belém» o mau tempo e a doença.

Foi uma tal profusão que me fez surgir a ideia de as levar a manifestar ao Menino Jesus a sua muita gratidão por tanto que em Seu Nome receberam, oferecendo-lhe cada qual uma das suas prendas. Grande entusiasmo! Houve quem quisesse dar quantos brinquedos tinha e outras escolheram aquele de que mais gostavam.

Em dia de Reis organizou-se o cortejo de oferendas e lá partimos em direcção ao monumental presépio do Seminário das Missões, que fica a meia hora de caminho. A oferta era consciente. Elas sabiam que Jesus ia servir-se daqueles brinquedos para espalhar o Evangelho entre as crianças africanas, por meio dos seus Missionários. E eu sentia-me intima-

B E L É M

mente satisfeita por ter encontrado ao alcance da nossa pobreza um meio de manifestar aos Missionários Combonianos a nossa profunda gratidão por todo o apoio e carinho que têm dispensado a «Belém».

Mas sabem os leitores como tudo acabou? Os Filhos do Coração de Jesus, em resposta, ofereceram a cada menina um bilhete da sua grande rifa e deste modo elas receberam novas prendas.

«É para que saibam que Jesus nunca se deixa vencer em generosidade» — remataram eles.

Porém, depois dum tal sucesso, com que espírito de renúncia e desapego se apresentarão as belenitas, no próximo Natal, a depôr as suas ofertas aos pés do Menino Deus?

Que elas precisam muito de começar desde já a aprender a lição de dar, para que em seu espírito nunca se forme a ideia de que vieram a «Belém» só para receber.



Segue a continuação da nota das presenças à Obra, até 31 de Dezembro.

Da América do Norte, três Marias de Portugal enviaram: a primeira, grande fardo de roupas de criança e outras; a segunda uma encomenda também de roupas; e a última um vale de 10 dólares.

Maria Cecília e seu Marido representam muito bem Braga, com a sua contribuição mensal de 50 escudos. A Guarda marca presença com 20 mais 50 mais 100 de «uma serrana» e ainda com roupas usadas de Senhora nossa conhecida. Da Póvoa de Varzim, 20 em vale. Senhora de Tondela entregou 3 lindas camisolas. Crianças da escola da Faniqueira, Batalha, enviaram lápis, aparos, borrachas e um sabonete para o *Pintainho*. O Mestre de obras de Águeda voltou com duas de cem. Mais 100 de um Terceiro Franciscano da

mesma terra. Para o jantar das pequeninas, no dia de Natal, 20 de Mafra. De Maceira-Liz, assin. 33.745 envia roupas e brinquedos e uma outra Amiga de Belém apresenta-se com roupas usadas e uma nota de 50. Agora uma «rabanadinha» de Caldas de Moledo. Para ajuda das «velhoses», uma nota de 50 de Monte Real. Outra de 20, de Castilhões de Besteiros. Roupas da Céuzita, para as Amiguinhas de Belém. Para a ajuda do jantar das belenitas, 50 das Caldas da Rainha. Outro tanto por uma graça obtida. 100 mais 100 da Póvoa de Varzim, por Ana Ribeiro. De Nisa, nota de 20 pedindo uma Avé-Maria. Outra igual da Farmácia Moutinho, de Cabeceiras de Basto. Rosarinho representa Lamego com 20 mais 20 mais 40. Outra de 20 duma Assinante de Sangalhos. Penafiel comparece com 100, pela mão de Avelino José. De Coimbra voltou a marcar presença «quem deseja fazer da sua vida um sim pleno à vontade de Deus». Mais meia dúzia de cobertores da mesma cidade, pelo Caminho de Ferro. Vale de mil escudos de Vila do Conde, por Isabel Maria. Nota de 20, por Maria José. O Casal M. D., continuando fiel ao seu propósito de fazer participar as belenitas nas suas festas de anos, envia mais 50 para bolos, por ocasião do aniversário natalício do Chefe de Família. Se todos os Amigos de Belém pensassem deste modo, que de bolos não comeriam as belenitas! De Lisboa volta novamente Gina Maria, com um vale de 30. Ago-

ra marca presença uma Ribatejana, pedindo a protecção de Deus para os seus netos. Nota de 20, de Monchique, por Maria Cândida. Tónicos do Instituto Luso-Farmacológico, de Lisboa. Duma aluna do Liceu de Beja, vale de 100. Por uma Maria do Porto, nota de 20 em louvor da Sagrada Família. E 50 pelo assinante 9.060 de Lisboa. De Espinho uma Mãe que sofre e pede a cura da sua filhinha, envia 100. A assin. 18.878 de Sá da Bandeira, Angola, envia 50 com o pedido de uma Avé-Maria junto do Presé-

pio. Mais 100 de Moçambique, por H. Nogueira, Vila Pery. Da assin. 16.102 do Porto, 50 com beijos para as belenitas.

E para rematar demos a palavra a Visu. Camisolas e outras peças de vestuário de várias Senhoras da cidade. Recebido em casa, de Visu e outras terras, 1.285\$00. De anónimos de Visu, 2.320\$00. Por intermédio do Laboratório Gastromil, 100 mais 50 mais 20. Azeite, feijão, milho, couves, vinho, batatas e avelãs de várias famílias da cidade. Um rádio Philco pela «Ecco Limitada». Um fogão de sala. Um aquecedor de água para o quarto de banho. Bolos, rebuçados e muito carinho para as belenitas.

Louvado seja Deus e bem-haja!

Inês — Belém — Visu

Filhos de pai incógnito

Meu Pai era casado. Do seu matrimónio nasceram quatro filhos. Do seu pecado 5. Quando faleceu, sabendo nós a notícia pelos jornais, resolvemos ir. Fomos três. Não sei porquê, apesar de tudo o nosso coração estava triste. Não seria bem a morte que nos abalasse. Mas sentíamos a nossa santa fé a dizer-nos que a morte não passa de uma separação entre o que é matéria e o que é espiritual. «Ele ter-se-ia confessado, ter-se-ia arrependido do seu passado, teria disposição para implorar perdão ao Senhor?» Eram as perguntas que fazíamos uns aos outros. Entre os três que fomos à terra figurava esse meu irmão que jaz no leito de dor. O nosso luto eram os *funos* expostos nos nossos braços. Na freguesia tudo nos olhava. Os ditos testemunhavam bem que eramos filhos do senhor x.

Logo nos dirigimos para a casa onde residira meu pai. Quando ali chegámos, já nos tinham antecedido vezes da nossa vinda. Recebeu-nos o filho mais novo do matrimónio do nosso Pai.

— Somos os teus irmãos, filhos do mesmo pai, e viemos aqui para trocarmos pesares.

— Meu pai deixou testamento, e nele só reconheceu os quatro filhos que estamos em casa.

— E tu, também nos não queres reconhecer como irmãos?

— Eu não, e «julgo» que é essa a opinião dos «outros» meus irmãos.

Entretanto veio o filho mais velho do matrimónio de nosso pai, que nos perguntou o que desejávamos. Dissemos-lhe ao que íamos, e logo ele me disse para que o tratasse por você, e que não nos reconhecia como irmãos.

Por três vezes me tinha reconhecido como tal, mas naquele momento não o quis fazer.

— Recebo os vossos pesares, como recebi os das centenas de pessoas que ontem aqui estiveram presentes.

— Juras pela farda que usas — ele é oficial do exército — em como não tens provas para nos reconheceres como teus irmãos, como filhos de teu pai?

Perante esta pergunta baixou os olhos; e no seu rosto apareceu o sinal de comprometimento.

Mostrei-lhe o rosto cadavérico de meu irmão, e disse-lhe que visse os sofrimentos e privações porque temos passado. Mostrei-lhe que éramos habitantes de cadeias e sanatórios, enquanto ele tinha o seu curso tirado na Universidade.

Meu irmão doente, estava cansado, ficou à porta da casa, enquanto eu e o outro meu irmão fomos ao cemitério depor a última recordação sobre a campa fria onde jaz meu Pai. Agarrado à simples palma, ia um cartãozinho com estes dizeres:

«A última recordação dos filhos do pecado. Que Deus lhe perdoe, assim como nós lhe perdoamos».

E seguiam-se os nossos cinco nomes. Ao depor a palma sobre a terra, as lágrimas correram-me dos olhos, e não digo que fosse de saudade, mas talvez por me lembrar que a alma de meu pai tivesse perecido. Talvez porque ia o meu querido irmão passar tantas privações, lutando com a fome e a falta de remédios, tendo o meu pai deixado tanto. Principiei o Pai Nosso, mas não o acabei. Tive que sair dali e entrei no Mosteiro, onde brilhava uma luzinha dentro duma lamparina. Fomos de novo para a porta de meu pai onde nos esperava o nosso irmão doente. E o que soubemos de sua boca? Enquanto fomos ao cemitério, um criado da casa, mandado pelos seus patrões, começou aos empurrões ao corpo frágil do nosso irmãozinho, atirando-o contra o muro. Protestei e chamei cá fora o autor de tal cobardia. A porta fechou-se e alguém, pelo telefone, requisitou dois praças da Guarda Republicana. Ali esperámos que as ditas autoridades chegassem. Estávamos tranquilos de consciência.

Elas vieram, mas não nos mandaram retirar. Limitaram-se a permanecer à distância. Era já muito tarde, e o nosso querido irmão não podia estar mais tempo sem alimento. Fomos para a vila, mas só de noite regressámos ao Porto, onde hoje fui encontrar aquele meu irmão quase moribundo.

Ernesto Pinto

